

Maria João Lopo de Carvalho

# Padeira de Aljubarrota

OFICINA  
DO LIVRO





Foi ao cabo de uma noite de lua cheia que Aldonça deu à luz. Rezara nove luas à Senhora do Ó para que o filho fosse varão. Dois braços viris para podar as vinhas e acartar as uvas, força de homem para lavar e encher os tonéis, mão de macho para tratar dos animais, lançar sementes à terra e colher bom fruto. Na taberna, amanhava-se sozinha. Havia muito que dava conta dos viajantes que passavam pelo reino do Algarve. Fossem mouros ou corsários, mercadores ou almocreves, soldados ou marinheiros, a todos provia de pão e vinho para que seguissem viagem confortados. Mas o seu homem trabalhava de sol a sol e precisava de um filho para a faina. Os tempos não iam fáceis, a peste dizimara vilas e aldeias e o fantasma da fome pairava sobre terras e lugares. Tinham que produzir para o sustento da casa e vender o mais que sobrasse mas no mercado de Santa Maria de Faro, poucos soldos lhes davam agora pela fruta e pelo vinho.

Esperara largos anos para emprenhar. O seu ventre não era como o pomar da casa, que dava amêndoas e figos, era seco como uma videira em terra árida, enxuto como um deserto perdido, gerava só desalento. Porém, naquela noite de inverno em que o marido a procurara, tomando-a com força e brutalidade na esteira do único cómodo da casa, soubera que a semente pousara em terreno fértil. Soubera-o mal o vira arquear em espasmos de prazer, junto ao fogo

que ardia. Depois, uma coruja a piar, empoleirada no arco da porta, dera-lhe sinal de que uma vida, uma vida qualquer, de ali havia de brotar. O homem retirara-se para o estábulo, onde sempre pernoitava, confortado pela palha que lhe servia de enxerga e embalado pelos próprios roncões e pelo hálito quente do vinho. Aldonça não dormira. Ficara toda a noite presa numa ladainha à Senhora do Ó para que aquele fruto, ali gerado, viesse a ser varão. E a santa dera-lhe a certeza de que o filho tão desejado ia ser macho.

À luz trémula da vela de sebo, a comadre, que se ajeitava bem a trazer ao mundo os frutos do calor algarvio, abanava a cabeça, cerrando os beiços num ângulo estranho que lhe tornava ainda mais salientes as veias do pescoço.

– Não te vou mentir, Aldonça, a criatura não quer vir ao mundo. Podias ter gerado coisa mais maneirinha. Olha que esta, por onde entrou, parece não querer sair.

Enquanto a comadre lhe vasculhava as entranhas à procura da cabeça do rapaz, Aldonça, empapada em suor, via o seu próprio corpo contorcer-se na enxerga, pela força das dores.

Já não ia para nova e aquele filho tardava. O trabalho na taberna e no campo tinha-lhe tornado a pele seca, o tronco arqueado, o olhar baço. Sabia que não era bom augúrio uma idosa dar à luz. Apesar de o seu homem sempre a acometer à chegada do campo, das suas entranhas só vertia a sangrenta maldição que todos os meses a atormentava e a desenganava.

– Há de ser homem, Aldonça, homem, como o compadre sempre quis. E que se faça bem valente, este que teima em não querer sair das tuas profundezas, tão aconchegado que está. Reza, Aldonça, reza para que a lua te ajude a trazer ao mundo o menino com vida.

Aldonça balbuciava sem parança *pater nosters* e ave-marias, juntando as mãos suadas numa súplica aflita. Sabia que a Deus nada era impossível; Santa Isabel, na sua velhice, também havia gerado filho macho, mas o tempo passava e aquele filho tardava. Só quando uma luminosidade frágil anunciou que a lua ia pousar no mar e as estrelas se iam apagar como pavios de velas, pôde a comadre alcançar a cabeça da criança que finalmente rompia o véu e deslizava das coxas de Aldonça para a pálida alvorada deste mundo.

– Força, Aldonça, força que o menino está a chegar.

Num último esforço, soltou um uivo de tal forma medonho que a comadre por pouco não largava a criatura que lhe escorria das entranhas.

– Credo, Aldonça, desde Eva que toda a mulher pare na dor, assim rezam as escrituras! – e pegou no cutelo para cortar o cordão.

Aldonça deixou cair a cabeça na enxerga, o cabelo molhado, a expressão apagada, a boca seca.

– Dai-me o rapaz – pediu mal lhe escutou o primeiro choro. E perante o silêncio da comadre, insistiu:

– Comadre, chegai-mo cá, estou sem força, mal me posso levantar.

– Não vais querer ver, Aldonça, é melhor que nem vejas, mulher! Jesus, Virgem Santíssima, que nunca tal coisa vi!

– Dai-mo cá! – gritou, irada.

– Dai-mo... disseste bem, Aldonça, demo, que obra do demo parece ser! Onde já se viu mulher parida aos 35 anos? Eu bem te dizia que a lua cheia agoirava, que a alvorada nada traria de bom, que da natureza contrariada só havia de brotar coisa ruim. Tivesse a criatura nascido quando a lua ainda se empoleirava no céu e outra coisa bem distinta seria. A alvorada de doze nunca foi boa para parir. O 12 de agosto é um dos trinta e dois dias aziagos do ano. Mas tu teimaste, Aldonça, teimaste em parir na velhice, e agora não vou ser eu quem vai dar a triste nova ao compadre quando ele tornar a casa.

Aldonça recostou-se na enxerga e tomou a criança nos braços, já envolta numa apertada faixa de linho.

Fez-se um silêncio profundo que nenhuma das duas mulheres quis profanar. Pelo rosto de Aldonça escorria um fio de lágrimas. Depois de ter despejado os alguidares de tripas e sangue por debaixo da casa, no curral dos porcos, e de ter ajudado Aldonça a pôr a criatura ao peito, a comadre passou pela açoteia, onde bastas vezes os viajantes pernoitavam, rezando para que o homem se demorasse no covil de meretrizes onde se achava naquela noite.

– O compadre que veja com os seus próprios olhos – limitara-se a dizer-lhe, à saída. – É melhor que assim seja.

– Tendes razão, comadre, é melhor que assim seja.

Aldonça, com a boca do corpo ainda a verter sangue e vísceras, sentia a alma ferida, o coração desfeito. Beijou o recém-nascido na testa e fez-lhe o sinal da cruz:

– Que Deus Nosso Senhor me ajude a aceitar o que nunca cismeiei que pudesse vir a ganhar vida em toda a Sua criação.



— Já vos disse, cónego Fabiano, um dia serei rei de Portugal e é de minha vontade conhecer meus irmãos.

O cónego enrolou o mapa do reino desenhado no pergaminho. Não sabia como contrariar o infante, que, apesar de franzino, tinha espírito de ferro e não desistia nunca de lutar por aquilo que queria. Os olhos vivos e amendoados, castanhos terra, e o cabelo forte que lhe tombava à altura dos ombros contrastavam com a alvura da pele e os traços perfeitos e formosos. Não ia ser fácil de domar, não ia ser nada fácil de domar.

— Haja sageza, senhor, nem 12 anos tendes ainda! Vosso ilustre pai, o infante D. Pedro, deu ordens rígidas para vos privar de conviver com os filhos dessa... dessa dama Inês, que vosso avô, o destino e o bom Deus lograram apartar desta vida.

Fernando pulou do banco de espaldar e deu uma curta corrida até à varanda. O que era então aquilo? Não era ele que ia ser rei? O cónego haveria de ceder.

— Vede, mestre, vede pelos mesmos olhos com que eu o vejo: se a senhora minha mãe, D. Constança, fosse viva, ainda que abominasse a sua antiga dama Inês de Castro, não me iria certamente impedir de ver meus irmãos. Dizem que era boa alma e que tudo permitia. Não me lembro já da voz de minha mãe, mas, pelo que me conta D. Aires, era senhora justa e bondosa e só tinha olhos para mim e para a mana

Maria. Chamava-me «meu principezinho» e nenhuma vontade me negava... E agora, pobre de mim, aqui trancado no paço de Lisboa, como num cárcere. Na longínqua Coimbra teve Inês de Castro quatro filhos – e contando pelos dedos enumerou –, Afonso, João, Dinis e Beatriz. Acaso achais digno que eu, que mais irmãos não tenho, esteja impedido de com eles falar, caçar, montar, jogar ao peso e ao dardo, disputar torneios e justas? Cuidam, pois, que é trancando-me a sete chaves nesta alcáçova que a minha vontade verga?

– Mas, senhor... – o cónego arrastava a voz, cansado já das obstinações do príncipe e dos seus constantes ardis para lhe causar compaixão. Cada dia sua vontade: um cão de caça chegado da Flandres, um órgão vindo de Paris que mal chegara a estrear pois que logo dele se enfadara, uma espada da Bretanha que julgava ser a verdadeira Excalibur do rei Artur e agora a teima em conhecer os irmãos bastardos... Não tinha já razões ou força para contrariar os reais caprichos.

– Sede cordato, senhor, sabeis bem como tal ato enfureceria o senhor vosso avô, El-Rei D. Afonso IV, que já tem agruras de sobra com o estado do reino, a pestilência e esta guerra que não acaba nunca. Pior do que qualquer contenda com Castela é esta terrível guerra que pai e filho desencadearam. Bem nos bastou a ira do senhor vosso pai contra vosso avô por conta daquela... dama, Inês de Castro. Se não fosse vossa santa avó, D. Beatriz, não sei o que seria do reino de Portugal! Haja visto o estado em que ficaram as terras do Minho e de Trás-os-Montes. Enfim, à vossa santa avó se deveu a reconciliação, se deve a paz... Sois, assim, o único legítimo filho; rei sereis, rei vos farei se me derdes ouvidos.

– Senhor cónego Fabiano, dessa guisa só me dais razão! Posto que serei rei de Portugal, tereis de satisfazer todos os meus desejos e, por agora, a minha maior vontade é conhecer Afonso, João, Dinis e Beatriz.

Parou por instantes e voltou a pronunciar devagar o nome «Beatriz», como que a saborear cada letra.

– Beatriz, lindo nome, pois não o é, cónego Fabiano? Soa-me a jasmins e a rosas... Talvez por via do modo doce de minha avó! Mas



adiante, meu mestre, são eles os únicos irmãos que tenho, ou julgo ter, cabe-me, assim, o direito de os conhecer!

O cónego tossiu, enfiou as mãos nas mangas do hábito e baixou os olhos.

– Não deis mais trabalhos a El-Rei, vosso avô, senhor, nem a vossa querida avó Beatriz de Castela, que tanto vos quer. Sabeis que avó significa mãe duas vezes? E D. Beatriz bem que o tem sido, tanto para vós como para vossa irmã, a senhora D. Maria.

Com ternura, o cónego pousou as falanges retorcidas na mão do futuro rei de Portugal.

– A corte tem de dar o exemplo e vós, senhor, tendes de vos concentrar nas artes de montaria, no latim, na álgebra e no saltério. E, mais ainda, no saber do reino, pois que a vida corre célere e em breve chegará a vossa vez de reinar.

– Parece-vos de bom aviso mandar matar Inês, a mãe de meus irmãos, como o fez o senhor meu avô? O que cogitarão de semelhante crueza Afonso, João, Dinis e a pequena Beatriz?

– Isso são outras contas, senhor, contas que o Divino Juiz fará. Muito sangue tem já corrido à conta desse amor oculto! – e benzendo-se, prosseguiu: – Mulheres... que Deus me perdoe, por cada santa, cinco bruxas. Fadadas para levar homens e reinos à perdição. São outras contas, senhor, outras contas.

– Não cuido o que sejam essas outras contas, meu mestre! Vou contar-vos um segredo, para que vejais como confio em vós. Peça-vos apenas que não digais palavra a meu pai... e menos ainda ao senhor meu avô.

Fernando tirou da bolsa de couro, presa ao saio, um pedaço de pergaminho amarelecido e vincado pelas dobras do tempo. Depois, segredou ao ouvido do mestre:

– João de Castro ousou escrever-me. Só a minha avó o contei, mas como minha avó toma sempre partido por meu pai, apenas sorriu, dizendo, «veremos se tal coisa se cumpre».

A missiva vinha coberta de erros de grafia e, ainda assim, teria certamente sido escrita com a ajuda de alguém.

«Fernando, meu irmão de sangue, é com grande tristeza que te digo que nosso avô, D. Afonso IV, mandou matar minha mãe a quem

chamavam Colo de Garça. Foram três: Diogo Pacheco, Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, nunca te esqueças dos nomes para que um dia possas vingar esta morte horrenda.»

Uma ruga mais profunda do que as restantes desenhou-se na testa do cónego.

– Há quanto tempo tendes escondida essa missiva, meu infante?

– Há muitas luas, cónego Fabiano, tantas que já lhes perdi a conta – mentiu. Tinha recebido a missiva nesse mesmo dia – E olhou de relance para a ampulheta pousada em cima do cofre. Sabia que só depois de vazada toda a areia poderia dar por finda a lição. Retomou o assunto, tentando ganhar tempo à aula de geografia. – Tenho-a desde que o moço de estrebaria voltou de Coimbra e me deu este pedaço de pergaminho. Desde então, não mais deixei de prosseguir a minha vontade: conhecer meus irmãos Castro. Contou-me o moço que estão ainda no paço de Santa Clara, com meu pai.

– Inês é morta, senhor infante, e muito sofrimento causou à vossa falecida mãe. Esquecei esses infantes, que só mancham a honra de Portugal.

Ignorando as palavras do mestre, Fernando insistiu:

– Escutai, senhor meu mestre, minha irmã Maria já casou com Fernando de Aragão. Não que uma infanta como ela fosse a melhor companhia para jogar à espada, mas sempre era melhor do que nada... Quem me resta pois para conviver? Só os Castro! Dizem que meu pai vai arrancar o coração aos carrascos de Inês. É verdade?

Fernando pousou o punho fechado sobre o peito, simulando o terrível ato com um teatral esgar de nojo.

– Basta! – gritou o cónego, vermelho de raiva. – Isso não é mister do reino, nem cousa de que ocupar se deva o futuro rei de Portugal.

Ignorando o desagravo do mestre, Fernando prosseguiu:

– Fugiram para Castela, para terras de minha querida avó Beatriz. Faz meu pai muito bem em persegui-los e fazê-los sofrer, disso estou certo.

E depois mais calmo, mudando de tom:

– Tenho pena que minha mãe aqui não esteja para me pentear de manhã e que meu pai goste mais de meus irmãos do que de mim, doando-lhes condados e regalias por conta de tanto ter amado Inês...

Mas que culpa terão eles disso, pois não vos parece, meu mestre? Dizem que o amor é para as pessoas graúdas e para quem pode, e que nós, pessoas reais, a ele não temos direito. A senhora minha avó nunca cessa de prevenir-me de que só poderei amar a Deus, Pai Todo-Poderoso, a meu pai e ao reino de Portugal. Será justo, cónego? Em lugar de me ensinardes as linhas da sucessão dinástica e os caminhos de Portugal poderíeis esclarecer-me sobre as linhas e os caminhos do amor. Por que não hão de os reis casar com quem mais desejem?

O cónego abateu-se sobre o banco de madeira, abanando a cabeça e cofiando a longa barba grisalha. Por instantes vieram-lhe à ideia os seios fartos e desnudos de soror Eliandra.

– O amor, senhor, o amor não se ensina, vive-se, vive-se conforme se pode – divagou, perdido num suspiro fundo que parecia envolver todos os amores, os lícitos e ilícitos, os terrenos e baixos e os elevados e divinos. – Acreditai, senhor, o amor não traz bem algum ao reino de Portugal, nunca o trouxe e não há de nunca trazê-lo.

– Será, mas se há coisas que me estão vedadas, outras há que o não estão. Custe o que custar hei de conhecer a meus irmãos.

E dali partiu enfurecido, ignorando o vagaroso fio de areia que teimava em não cair na ampulheta. Chegado ao fundo da escadaria, gritou em altos brados para que seu aio, Aires Gomes da Silva, lhe mandasse arrear o alazão. Queria ir com ele galopar à tapada, estava cansado das lições do cónego, sempre alheias às suas dúvidas e inquietações mais urgentes.





— *M*ais valia tê-la enterrado viva à nascença, mulher. De que nos serve filha fêmea e aleijada?

Aldonça não respondeu, nunca respondia. A culpa corroía-a. Abusara de Deus e da natureza e Deus e a natureza tinham-na castigado. O padre dissera-lhe que aquela filha era castigo divino, que rezasse e se penitenciasse para tentar aplacar a ira celeste e que desse os soldos que guardava à Santa Madre Igreja, para acudir aos pestilentos e esfomeados. Gerara no seu ventre uma filha do demo, que outra explicação haveria para os seis dedos que a criatura trazia em cada mão? Gerara uma cria tarde na vida e no ano da peste: teria agora de arcar com a desdita até ao fim dos tempos. Correrá já uma fiada de noites e de dias desde a madrugada aziaga em que dera à luz, dias e noites em que o seu homem não parava de repisar as palavras do padre:

— Aleijada, demoníaca, *vade retro*, Satanás!

— Não é aleijada, homem — tornava Aldonça —, nossa Brites tem seis dedos em cada mão: há de ter dedo para bordar, amassar o pão, ajudar a servir os viajantes, até para tratar dos animais. Um dedo a mais há de ser-lhe de muita serventia.

Mas sempre que olhava para a filha, as entranhas revolviam-se-lhe: o cabelo, sem cor definida e como espuma em alvoroço,

nascia-lhe à altura das sobrancelhas; os olhos, pequenos e vivos, colavam-se-lhe ao nariz, a pele morena e a boca grande discordavam em criatura de tão tenra idade; e o corpo, enorme, terminava nuns pés chatos que mal cabiam nas botas de estopa. Se tudo aquilo fosse em filho homem, como a comadre lhe assegurara, não seria tão estranha aberração, mas em mulher, em mulher desenhada da sua espécie, era coisa por demais.

– Chi, comadre Aldonça, tão feia cousa pariste! – dizia-lhe a vizinha. – O compadre tem razão, fosse ela macho e bom jeito vos daria para lavrar a terra... sendo fêmea, mais valia tê-la enterrado à nascença!

Aldonça tudo fazia para não lhe dar ouvidos, cuidando que filho do seu ventre, fosse bem ou mal parido, formoso ou mal jeitoso, teria de se criar. Mães havia que enjeitavam os filhos, ela não. Feia ou bonita, Brites havia de se criar. Certo era que, quando a dera à luz, o piar triste e repetido da coruja logo lhe enchera a casa de maus agoiros; certo era também que Brites viera ao mundo com dois dedos em demasia, o que talvez fosse coisa do demo ou da coruja... Mas não tinha Deus Nosso Senhor passado por esta terra entre leprosos, paralíticos e aleijados, acolhendo aqueles de quem todos fugiam? Se tudo se criava e se tudo era criatura de Deus, então aquela sua criatura também se havia de criar.

À medida que Brites se fazia mulher, a feiura parecia não amai-nar. Um dia, Aldonça quebrara a sua maior preciosidade, um espe-lho, presente de um viajante grato e abastado. Sete anos de azar, diziam, mas a desdita era já tanta! Azar pior era deixar que a filha se deparasse constantemente com o próprio reflexo. Brites já se sabia distinta das outras moças, não precisava que um reflexo lho repe-tisse. Bem lhe bastavam os comentários da clientela que acorria à taberna e os esgares dos viajantes com quem se cruzava no caminho. Quando ia com o pai ao mercado, acartando às costas, por muitas léguas,<sup>1</sup> bastos alqueires de figos e de uvas, sentia os olhares dos que por ela passavam: primeiro presos de espanto e logo horrorizados, desviando-se, como que se por continuarem a enxergá-la se achas-sem feridos de morte.

---

<sup>1</sup> Cerca de 5 quilómetros.

– Anda daí, Brites – dizia-lhe o pai, já mais afeito à deformidade da filha, que bom proveito lhe vinha trazendo. – Em tempo de fome e guerra não é a beleza que carrega as cestas da fruta à cabeça, que amanha a terra ou que me ajuda na matança do porco e a armar feixes de lenha... não é a beleza que arca com os tonéis ou zarpa o bote em dias de pescaria. São os braços, Brites, e os teus são bem mais fortes e trabalhadeiros do que os de muito mancebo que por aí anda neste reino do Algarve.

Alta como um mastro de navio, forte como mar de equinócio, destemida como o mais valente guerreiro, Brites ia tentando aceitar a sua sina de donzela de braços musculados. Sabia-se diferente, mas todos invejavam a perícia com que movimentava os pesados remos de madeira, permitindo que o bote rompesse as ondas a uma velocidade nunca vista. Era um toiro de força, capaz de tudo sem um só queixume e sem que nunca se cansasse. Mas só quando se recolhia na enxerga era deveras feliz, embalada pelo som das vozes dos viajantes, vindas da taberna, que lhe desenhavam na noite histórias de encantar, até que adormecesse.

Histórias de guerra e histórias de luzes e de lamparinas em desertos distantes, de montanhas e oceanos antigos, de deuses e ninfas de outros tempos e de outros mundos, de bruxas e ilhas encantadas, de sereias, espadas e demandas. Com elas passava a noite, passeando por sonhos que, no dia seguinte, a entretinham nas lides do campo e no trabalho do mar.

– Hoje vi-me na água do mar, minha mãe. Estava um espelho de calmaria.

– E que viste tu, minha Brites?

– Vi coisa muito feia, senhora minha mãe! Os meus cabelos são crespos, o meu pescoço é largo, a minha boca não sabe sorrir como as das outras. Tenho modos desajeitados e seis dedos em cada mão, como nenhuma moça os tem. Antes quero ser filho homem, para que ninguém troce de mim. Cogitei muito, minha mãe, e estou resolvida a trocar esta camisa e este avental por um saio e uma capa. Com um cutelo corto o cabelo rente, arranco as tiras de linho com que sou forçada a domá-lo e com elas ato o peito e ponho-as bem cingidas. Não quero que trocem mais de mim, minha mãe.

– Que te disseram, Brites? Que mal te fizeram para assim falares?

– Chamaram-me Dama Pé de Cabra, que apareço nos montes a enfeitiçar os povos. Um dedo a mais é coisa de homem, que só os homens o têm nas partes e que eu o trago dependurado nas mãos, pois Dama Pé de Cabra sou!

– Ora, Brites, isso é uma lenda antiga, não deves tomá-la por verdadeira.

Aldonça parou de amassar o pão. Sabia que era o ofício que Brites fazia com maior prazer. Aprendera com ela as artes e as manhas do pão e nunca se fazia rogada em a ajudar. Desde cedo que a seguia e lhe copiava os gestos, como se as voltas da massa a hipnotizassem. Gostava de estender a farinha de trigo no alguidar de barro, frente à fornalha e de lhe dar um jeito especial com aquele dedo maroto que tinha em demasia; gostava de a cozer no forno, pondo-se em bicos dos pés para o alcançar, e de tirar de lá o pão já pronto, com a ajuda de uma pá de madeira grande e pesada.

Aldonça limpou as mãos ao avental e pôs-se a contar à filha a lenda da estranha mulher que em tempos tinha aparecido nos penhascos ao senhor da Biscaia e lhe rogara que nunca mais em sua vida ousasse fazer o sinal da cruz. O senhor assentira e com ela casara, só mais tarde se dando conta de que, em lugar de pés humanos, tinha a dama sua mulher pés forcados, como os das cabras.

– Mas eu não, senhora minha mãe, serei feia, mas a minha cintura é fina e os meus pés humanos.

– Escuta, Brites, que a história continua! Teve o casal uma filha e um filho varão, até que, certo dia, o senhor viu na mulher, não a linda dama dos penhascos por quem se perdera de amores, mas uma horrenda criatura, de olhos brilhantes, faces negras, boca torcida e cabelos eriçados. A mão da dama era preta e luzidia, como o pelo do podengo, e as unhas, recurvadas em garras, haviam-se estendido bem meio palmo. Tal coisa vendo, o senhor esqueceu-se do prometido e fez o sinal da cruz, desobedecendo aos votos. A dama, espumando da bocarra, pegou na filha com a medonha manápula, soltou um gemido agudo e, subindo ao alto, saiu por uma fresta, levando com ela a pequenina, que muito chorava.



Aldonça interrompeu a crónica para continuar a estender a massa do pão.

– Como vês, não passa de uma história.

– E depois, minha mãe, e depois? O que sucedeu à dama? E ao senhor? E à filha?

– Um dia o saberás, Brites, a seu tempo...

– A seu tempo?! Mas não é já tempo, minha mãe? Todos me chamam filha do demo, todos me chamam Brites Pé de Cabra! Hei de saber como acaba a história! – e lançou-se num pranto, atirando-se para o colo da mãe.

Aldonça engolia as lágrimas. Palavra alguma, explicação alguma, mesmo que as houvesse, a poderiam consolar.

– Tu não és feia, Brites, és diferente, as pessoas não estão acostumadas, é só isso... E eu gosto de ti assim, rapariga.

– Sou feia, sim, minha mãe, que o vi na água do mar, coisa mais feia não há!

Na manhã seguinte, Aldonça foi dar com a enxerga vazia. Brites havia partido. O pequeno casebre parecia-lhe agora enorme e despido. Vazio, como ela. Que seria da sua Brites e que seria da sua vida sem ela?

– Desapareceu-te Brites Pé de Cabra, comadre? Ora, pouca coisa se perdeu! – consolava-a a vizinha, encolhendo os ombros. – O sol já vai alto, enxuga as lágrimas que filha de Belzebu era. Ao demo pertencia e o demo a levou. E olha, Aldonça, que foi por bem. Ficas bem melhor sozinha, só tu mais o teu homem. Dali não havia de vir coisa boa.

O sol subia no céu, e o casebre e Aldonça ainda vazios. O sol descia no céu e o casebre e Aldonça mais vazios ainda. Até que o mar engoliu o sol, sem que Brites tornasse a casa.





Quando Fernando subiu para o cavalo e ajeitou a viseira do elmo sentiu os dedos a tremer por baixo das luvas. A justa que estava prestes a travar no paço real de Santarém fora insistência sua, mas João de Castro não hesitara em aceitar o desafio. Para conseguir permissão para o torneio tinha contrariado tudo e todos e só D. Aires lhe valera. Ninguém via com bons olhos que os dois meios-irmãos se batessem por simples capricho num duelo que podia vir a ter consequências desastrosas para o reino.

João de Castro tinha pedido ao aio, Gonçalo de Figueiredo, que nada contasse a D. Pedro, havia já três anos rei de Portugal e do Algarve, por morte de D. Afonso IV; mas com as gentes da casa de D. Fernando e da sua própria casa que ali se ajuntavam, cedo lhe chegariam novas da justa. Nada que o inquietasse de sobremaneira, El-Rei, seu pai, estava ainda cismado na cerimónia de transladação para Alcobaça do corpo da rainha sua mãe e ocupado em outros graves misteres: o governo do reino, as teimas de Pedro I de Castela, que diziam ser de fibra e génio, os intentos junto do papa – que muitos julgavam fúteis – para os legitimar aos três e a um outro filho bastardo, também de nome João, que procuravam a custo ocultar de Fernando.

Ele, João de Castro, só queria agora conhecer o primogénito, o meio-irmão sete anos mais velho que ia ser rei de Portugal. E ali estava

Fernando, naquela tarde de agosto, parecendo-lhe franzino e de baixa estatura. Diziam-lhe que era bem preparado nas artes de cavalgar, que tinha na caça uma pontaria invejável, que era destemido e ousado, mas que abominava perder. Bastas vezes tinham os fidalgos que fingir a derrota para que Fernando se não exaltasse. Pois bem, que não contassem com ele para fazer a vontade ao futuro rei! Olhando para o infante já montado no *Sultão*, assim se chamava o cavalo do irmão que ali raspava os cascos no terreiro e relinchava de impaciência, estampou um sorriso no rosto e baixou a cabeça num gesto respeitoso, enquanto, com a mão esquerda, segurava as rédeas da montada.

– Ora viva, infante! Até que enfim que nos encontramos frente a frente! – saudou-o, ajeitando-se no selim assente sobre a manta com as armas Castro.

Fernando olhava desconfiado para o irmão, medindo-lhe as palavras e a expressão. Forte, bem constituído, cabelo louro de ondas largas, apesar de muito novo era alto e espigado:

– Já não era sem tempo! Sede bem-vindo ao paço de Santarém! Espero que estejais preparado para a derrota!

D. Aires, que prendia pela rédea a montada de D. Fernando, onde luziam, bordadas em manta amarela, as armas do reino de Portugal, não pôde deixar de lamentar o modo como o amo se dirigia ao irmão. Decerto não conheceria ainda D. João de Castro a costureira sobranceira do infante, nem o seu jeito intempestivo sempre que se achava desconfortável.

– Veremos, infante, veremos, que nada ainda é claro! Disse-me meu aio – e apontou com a cabeça na direção de D. Gonçalo – que sois lesto a cavalgar e mui bem adestrado no manejo da espada e da lança, como convém a um futuro rei. Espero, porém – e aproximando o cavalo do irmão, segredou-lhe –, que não esqueçais a missiva que em tempos vos fiz chegar. Pois caso não quiserdes fazer o que ali vos peço, terei de ser eu mesmo a lavar com sangue a honra e a vida de minha mãe.

Não passou despercebido a Fernando um certo tom de ameaça nas palavras do irmão. Como podia João de Castro cuidar que se esquecera? E que modo era aquele de se dirigir ao futuro rei de Portugal? Acaso o julgava de doces costumes? Ainda que ele, Fernando,

fosse filho da rainha traída, nunca achara justo o que o avô ordenara que se fizesse a Inês de Castro, mas aquela não lhe parecia a melhor hora para discursos de semelhante natureza. Completara 15 anos, não era já o príncipezinho inocente de outrora, muita água havia já corrido no leito dos rios. Longe ia o tempo em que quisera ser, mais do que irmão de sangue dos bastardos, irmão também de coração. Agora, amofinava-se com a popularidade dos Castro e dos seus partidários.

Baixou a viseira do elmo e, acomodando-se na pesada armadura, com o escudo a proteger-lhe o flanco direito, sentiu que era tempo de começar a disputa. Benzeu-se, encomendou-se a Deus, à senhora sua mãe e à sua querida avó Beatriz, e avançou a galope, cortando o ar com a espada, que brandia em voltas curtas. Veria o Castro quem era o mais audaz.

Porém, João de Castro foi mais veloz, tomando-o desprevenido e desferindo-lhe um golpe ao viés, com o braço ágil, malgrado a pesada cota de malha de aço. Seguiram-se pequenos e grandes assaltos de um e de outro, perante o silêncio das gentes que, tendo tomado assento nos palanques em redor do terreiro, assistiam à justa, mordendo os beiços. Sabiam que o castigo para quem soltasse um só brado era brutal e impiedoso.

Fidalgos e damas, moços e aios, escudeiros e gentis-homens, criados, vedores da casa e reposteiros, todos acompanhavam com igual emoção a disputa que ali se realizava por teima de D. Fernando. Não por amor a uma dama, como era dado, mas tão-só para medir forças com o meio-irmão, numa instintiva luta fratricida, velada antecâmara da disputa pelo reino de Portugal.

Num súbito arranque de corpo e braços soltos, D. João tornou a ganhar vantagem com um golpe duro, logo seguido de um outro mais curto e certo. Sem que pudesse reagir, Fernando desequilibrou-se da montada, deixando a assistência suspensa. Depois, numa tentativa irrefletida de se agarrar à garupa do cavalo, largou a lança que, girando pelo ar, foi tombar às mãos de um rapazinho de nome Lopo, filho do ferreiro do paço.

O silêncio ardia. João de Castro saía vencedor. Dava D. João duas voltas a galope ao terreiro, soltando as rédeas e erguendo as

mãos unidas, em sinal de vitória, quando o pequeno Lopo deitou a correr pelo terreiro de lança em riste, com o firme propósito de a devolver ao seu senhor. O pai do rapaz, não o tendo conseguido deter e apercebendo-se de que o filho corria para a morte, soltou um grito lancinante. A multidão quedava-se muda de medo e de espanto. O galope de D. João por pouco não derrubava Lopo, mas o rapazinho, de olhos brilhantes e cabelo loiro, ondulando ao vento, continuava a avançar de lança erguida por entre as duas montadas, alheio ao perigo.

D. Fernando espumava de raiva, não pelo grito do homem, mas pela derrota que acabara de sofrer, e agitando no ar a lança que o rapaz lhe devolvera, concentrou toda a sua ira no pobre ferreiro que havia quebrado o silêncio:

– Castigai o homem que assim gritou pelo filho, D. Aires. A regra, como sabeis, é que ninguém se manifeste. Quero a língua desse homem cortada, que para ferreiro do paço língua não tem serventia alguma. E que ma tragam logo mais, para que eu mesmo possa atestar a execução da minha ordem.

E com os cabelos ensopados por debaixo do elmo e o suor a escorrer-lhe pela face irada, Fernando recolheu a lança, sem cuidar que o rapazinho quase dera a vida para o salvar. Depois, encarou o meio-irmão que sorria, satisfeito. D. João desmontara, entregara o cavalo ao seu moço de estrebaria e aguardava que ele fizesse o mesmo.

D. Aires fez-lhe sinal para que também desmontasse. Tão nobre era saber ganhar como saber perder e cumpria ao futuro rei de Portugal aceitar com dignidade a derrota, ainda que se tratasse de uma simples justa. Mas o infante, fosse pelo calor do verão, fosse pela desonra, teimava em não desmontar. Endireitou os ombros, fazendo-se mais alto e apumado, como que para ganhar soberania, e, elevando a voz, dirigiu-se ao irmão:

– Vencestes esta justa em minha casa, João de Castro? Pois podeis celebrar a vitória, tendes a minha autorização! Mas se acaso cuidais que da mesma guisa me ganhais o reino; se acaso augurais que um dia sereis rei e senhor de Portugal e que me podeis ganhar a coroa, na certeza de que El-Rei nosso pai vos há de um dia doar Seia,

Lafões, Sátão, Penalva, Moimenta, Aguiar da Beira, Porto de Mós, Rio de Moinhos, Sever, Armamar e sabe o demo que outras partes, desenganai-vos! Desenganai-vos que sobre Portugal só reinará filho legítimo de El-Rei D. Pedro!

Ordenou então que lhe abrissem o portão do paço, que deitava para o Tejo. Os seus dias à frente dos destinos do reino haveriam de ser tão vastos como aquela infindável lezíria ribatejana.

– Abram alas que quero ficar só.

Chamou os seus seis podengos com um assobio e saiu a passo. Estava de tal forma irado que os seus olhos se quedaram imóveis, colados ao horizonte, pelo tempo de uma Ave-Maria. Tinha-os rasos de água e não queria que ninguém o visse verter lágrimas, muito em especial a pequena Beatriz de Castro, que viera com os irmãos de Coimbra para assistir àquela humilhação. Por ora, era uma desonra, que o era, mas nada estava perdido, só aquela justa. O sangue Castro vencera? Pois bem, a seu tempo veriam do que seria capaz. Em breve chegaria o tempo da desforra.

